



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O CINEMA E A NARRATIVA DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS NA UNIRIO: OBSERVAÇÕES INICIAIS DO PROJETO CINE CCH

Érica Rivas Gatto*
(UNIRIO)

Maysa Lopes**
(UNIRIO)

Thamyres Ribeiro Dalethese***
(UNIRIO)

RESUMO

Este artigo constitui um dos eixos do projeto de pesquisa “O cinema e a narrativa de crianças e jovens em diferentes contextos educativos”³⁰³ coordenado pela Prof^a Adriana Hoffmann Fernandes, tendo como foco o jovem do ensino superior. Pretendemos apresentar as contribuições teóricas de estudos que articulam cinema e educação e que estão constituindo nosso referencial teórico até o momento. A leitura de autores como Rosália Duarte e Mônica Fantin conduz-nos a problematizar o lugar da narrativa cinematográfica na formação desses sujeitos dando relevo a nossa investigação dos modos de relação que os jovens constroem com o cinema num espaço de formação acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, Formação, Jovens Universitários.

* Professora da rede municipal do Rio de Janeiro e mestranda em educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

** Graduanda em educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

*** Graduanda em educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa entende que os sentidos nas sociedades contemporâneas se organizam cada vez mais a partir das mídias, sobretudo as mídias audiovisuais que, inegavelmente, permeiam nossas práticas culturais e sociais, exercendo papel de grandes mediadoras entre sujeito e cultura (FERNANDES, 2010).

Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo investigar as relações dos jovens do ensino superior com o cinema, assim como apresentar o projeto Cine CCH, campo no qual buscamos observar e registrar as narrativas que são tecidas nos debates sobre os filmes exibidos pelos participantes.

Neste processo inicial de investigação, traçamos algumas questões para nortear nosso estudo de como o cinema pode atuar na formação desses jovens, na compreensão de que a narrativa por meio de imagem e movimento também constitui uma forma de pensar, imaginar, criar e entender a realidade. Afinal, quais as pistas que os relatos dos sujeitos podem trazer para refletirmos sobre os sentidos que se produzem na relação que eles estabelecem com o cinema fora do circuito comercial?

Com estas questões, apresentamos nossas reflexões teóricas, situando o projeto Cine CCH como campo de pesquisa no entendimento do cinema como uma “outra forma” de leitura do mundo e seu papel formação dos jovens universitários.

Referencial teórico da pesquisa

Cada vez mais rápido, a sociedade contemporânea vem estreitando relações com as mídias audiovisuais, estando as gerações mais recentes expostas desde muito cedo a narrativas veiculadas através de imagens, sons e movimentos. Esta frequente exposição a artefatos midiáticos, permite aos jovens estabelecer vínculos



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

diferenciados com o conhecimento bem como com as diferentes formas de ler que a contemporaneidade apresenta. Com estes pressupostos, elegemos o cinema como foco de nossa pesquisa por acreditarmos no valor formativo das narrativas cinematográficas e nas possibilidades de ler e narrar a partir de imagens e movimentos.

Duarte (2002) defende o papel do cinema na formação cultural e educacional das pessoas, afirmando que ver filmes é uma prática social tão importante quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais. Assim, os filmes atuam como os contadores de histórias na era moderna, com especificidades e códigos de linguagem próprios, capazes de despertar saberes, emoções e fantasias do leitor/espectador tanto quanto os livros. A autora afirma que o homem do século XXI jamais seria o que é se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento.

Outra autora que nos ajuda a pensar o cinema como espaço de formação é Fabris (2008) cujo estudo discorre sobre o sentido pedagógico dos textos fílmicos. Para ela, a prática de assistir filmes pressupõe um aprendizado tanto nos modos de se relacionar com a linguagem cinematográfica, como na construção de estilos de vida, valores e concepções de mundo. Por isso assistir filmes torna-se uma experiência quando intervêm no sujeito em suas dimensões sociais, políticas, afetivas e emocionais. Remetemos tal pressuposto ao pensamento de Benjamin para afirmar que todo filme permanece de algum modo nos sujeitos, deixando rastros que possivelmente irão se manifestar seja numa ação, numa fala ou numa produção narrativa.

O cinema constitui uma experiência – assim como a denomina Benjamin - na medida em que o contato com suas narrativas desencadeia a produção de novas narrativas. Isto significa que a relação dos indivíduos com o cinema está muito além da mera prática de ver os filmes, mas, sobretudo, constrói-se nos modos de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

apropriação dessa linguagem. De acordo com o estudo de Duarte (2002), o contato com o cinema é um contato com uma “gramática” própria da linguagem cinematográfica. Dessa forma, a relação com o cinema não acaba com o final do filme, mas irá permanecer no espectador como narrativa. Em outras palavras, os instantes do filme irão se perpetuar no sujeito através da percepção de um modo de criar e contar histórias tendo como recursos imagens e sons.

O trabalho de Duarte (2002) nos orienta a pensar como o contato com imagens funciona na formação geral dos sujeitos. Quando ela diz que “a prática de assistir filmes desempenha papel significativo no consumo cultural de jovens universitários” (2002, p. 3) remete a uma preocupação que também é nossa, de analisar os modos como estes sujeitos se relacionam com o cinema, na compreensão de que esta relação promove a criação de sentidos para se pensar o mundo e nós mesmos. E contar histórias com o cinema seria falar da própria experiência estética com os filmes.

Isto significa que o contato com o cinema é uma experiência de encontro com a alteridade, com outras pessoas na sala de exibição, com as personagens dos filmes, suas culturas, ideologias, desejos e medos, e também com o diretor, suas ideias e técnicas. É nesse exercício de olhar, ouvir e ver o outro na tela e nos debates que os sentidos, as relações e as experiências com as narrativas cinematográficas ganham significados e interpretações, podendo modificar e recriar novos modos de se relacionar com as narrativas fílmicas e com a própria linguagem do cinema.

Contudo, o outro não está apenas no filme ou na plateia, uma vez que o cinema é atravessado por elementos de diversas naturezas que se entrelaçam numa rede simbólica de práticas culturais e atores sociais que se interagem permanentemente. Em outras palavras, as narrativas fílmicas não produzem sentidos isoladamente, quando na verdade estes são construídos num processo de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

cruzamentos contínuos e não lineares do cinema com outros artefatos presentes no ambiente simbólico das novas gerações (RIVOLTELLA apud FANTIN, 2006)

Sendo assim, o cinema como texto narrativo que é pensado, produzido e consumido “opera a partir de uma rede de saberes sociais” (EUGENI apud FANTIN, 2006) o que indica que a experiência com o cinema nunca será individual e exclusiva, mas permeada por múltiplas relações, práticas, valores e crenças que formamos e nos formam ao longo de nossas experiências de vida no convívio com os outros.

Parta sustentar a ideia da dimensão pedagógica do cinema, Fantin cita alguns autores para dizer como que os filmes e a linguagem cinematográfica se colocam “ao lado de outras produções da ciência, da arte e da literatura” (2006, p. 5). Como produtor de cultura, o cinema promove a criação e difusão de saberes, costumes e significados sociais, configurando sua força expressiva na formação dos indivíduos das sociedades modernas.

Nesta perspectiva, entendemos que a experiência com o cinema produz efeitos que se perpetuam para além da experiência imediata (DUARTE, 2002), marcando significativamente os indivíduos em seus imaginários e suas identidades. Assim como Duarte, também acreditamos que na sociedade contemporânea os veículos audiovisuais assumem lugar tão relevante na formação dos sujeitos quanto as instituições formais de ensino. A autora nos ajuda a pensar na ação pedagógica dos cineclubes como espaços não formais de aprendizagem, nos levando a problematizá-los como importantes espaços de socialização, de produção e troca de saberes reafirmando o papel do cinema como integrador de sujeitos e fonte de conhecimento.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Os cineclubes como lócus de formação dos sujeitos e de tessitura de saberes

Os primeiros cineclubes surgiram na França, no início do século XX e se consolidaram como espaços alternativos de exibição de filmes e de discussões intelectuais onde se questionavam as divisões de classes e a democratização cultural, efetivando-se em espaços que contribuíram com as demandas políticas da época. Com isso, o cineclubismo se popularizou e atraiu não só a classe operária como também os intelectuais burgueses, consolidando-se, desta forma, como espaço democrático e democratizador (LEITE, 2010).

Nacionalmente falando, o movimento cineclubista surgiu no Rio de Janeiro, na década de 20, com o cineclubes Chaplin Club. Esse movimento foi implantado por jovens da burguesia carioca, com interesse nos filmes mudos. O impulso promovido pelos jovens da época, fez com que o movimento cineclubista ocupasse espaço no cenário cultural e político nacional, atuando tanto como espaço democrático de debates políticos quanto como centro de formação cultural (DUARTE, 2002).

O cineclubismo, segundo Matela (2007, apud Leite, 2010), foi se configurando como movimento de resistência às censuras e perseguições durante o regime militar no Brasil, principalmente na década de 70 do século XX e contou com a participação de estudantes que encontravam nos cineclubes o espaço para a discussão e liberdade que não encontravam na escola, que deixou de funcionar como espaço de “criação” para se tornar lócus de “adestramento”.

Ainda na década de 70, foi criado o Conselho Nacional de Cineclubes (CNC) e a Dinafilmes, distribuidora nacional de filmes para cineclubes que estabilizou o movimento, tornando-o mais forte e marcando a utilização de filmes nacionais (LEITE, 2010). Nesse contexto, o cineclubismo contribuiu para a formação cinematográfica e a “competência para ver” dos sujeitos envolvidos no movimento,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

apresentando novas leituras a partir do cinema francês, italiano, soviético e outros que não fossem parte da indústria Hollywoodiana, americana e capitalista.

Presidente desde 1980 do CNC, Claudino de Jesus afirma para o Jornal do Brasil de 19 de janeiro de 2008 que um cineclube precisa seguir três princípios básicos: ser democrático, centrado no seu público e antenado com a realidade. Após completar 80 anos em 2008, o movimento cineclubista cumpre, ainda hoje, a sua missão de oferecer uma nova proposta de leitura cinematográfica, onde é possível diversificar o olhar com filmes de outras culturas e fora do grande circuito do cinema comercial.

Desta forma, pensamos o Cine CCH como uma proposta cineclubista no espaço da Universidade, local privilegiado para aprender, desaprender e reaprender (FRESQUET, 2009) e provocar no público com quem dialoga o prazer estético e compartilhar outras formas de ver e ler as imagens em movimento.

O projeto CINE CCH como campo de pesquisa

O projeto de extensão CINE CCH: aprendizagens com o cinema acontece mensalmente no Auditório Paulo Freire no prédio do CCH na UNIRIO desde agosto de 2010. Este projeto está vinculado ao projeto de pesquisa “O cinema e a narrativa de crianças e jovens em diferentes contextos educativos” coordenado pela professora Adriana Hoffmann Fernandes e pretende ser um espaço de formação dos jovens em graduação, que tem como proposta assegurar aos frequentadores o acesso a filmes de valor estético reconhecido em diferentes gêneros, culturas, países e temáticas.

A relação do projeto com a pesquisa ocorre pelo fato de seus participantes se constituírem como sujeitos em potencial da pesquisa. A participação dos sujeitos nas sessões de cinema do projeto de extensão CINE CCH, seus modos de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

relação com o cinema traduzindo-se em formação de momentos de convívio com o pensar sobre os filmes nos trazem elementos para a pesquisa. O estudo de natureza qualitativa utilizará nesse campo de pesquisa as estratégias metodológicas de observação e registros de momentos de exibição de filmes e debates na UNIRIO e a posterior realização de entrevistas individuais e/ou coletivas com os jovens participantes das sessões de cinema.

Considerar o cinema na sua dimensão formativa significa que a atividade de contar histórias com imagens, sons e movimentos pode atuar no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sócio-político-cultural (FATIN, 2006). Assim, é imprescindível observar o contexto cultural no qual os sujeitos participantes estejam inseridos. Por isso, a importância em convidar alguns frequentadores do Cine CCH para entrevistas posteriores, que poderão ser individuais ou coletivas, de modo que possamos conhecer seus hábitos, suas experiências e os acessos que têm a meios culturais que se associam direta ou indiretamente com suas experiências cinematográficas. Além das entrevistas, as gravações em vídeo dos debates, os relatos colhidos e os registros dos diários de campo de cada sessão servirão como materiais empíricos para análise da pesquisa.

Em seu estudo sobre mídia-educação, Fantin (2006) aborda algumas questões que são pertinentes ao nosso trabalho. Uma delas é a perspectiva de como os modos de assistir filmes podem variar conforme a situação contextual. Como a autora afirma, texto e contexto se entrecruzam, o que nos leva a pensar até que ponto o contexto acadêmico pode condicionar as reflexões e discussões trazidas pelos participantes no Cine CCH. Como ela diz “o contexto também comunica” (2006, p. 3), intervindo também na comunicação entre o texto fílmico e audiência. Com essa questão, trazemos algumas de nossas primeiras observações, os percursos e estratégias de pesquisa no campo citado para refletir sobre os modos de relação com o cinema no âmbito universitário.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Tecendo narrativas com o cinema

As duas edições do Cine CCH que apresentaremos são, respectivamente, o filme *O Leitor* de Stephen Daldry e *Filhos do Paraíso* de Majid Majid, antecedido por um curta produzido por uma aluna da UNIRIO. A edição do evento com a exibição do filme *O Leitor* contou com a presença de muitos alunos, entretanto, com o final do filme, notou-se que grande parte dos presentes se retiraram não permanecendo para o debate. Entre as razões que nos levaram a entender essa evasão estão provavelmente o dia e o fato da sessão acontecer numa quinta-feira à noite e véspera de feriado. Felizmente, os poucos que ficaram demonstraram bastante vontade de expressar suas impressões sobre o filme, abrindo discussões que abarcavam aspectos afetivos, históricos, políticos e filosóficos contidos no filme.

Um dos elementos centrais nos relatos tecidos foi, sem dúvida, a influência da leitura na relação dos personagens Hanna e Michael e as marcas desta prática em suas vidas. É interessante observar que mesmo sendo um filme que aborda o nazismo e toda a barbárie que este período significou para a História, este fato ficou secundarizado na discussão, nos revelando que os rastros deixados pelo filme nos participantes foram provocados pela intensidade com que a leitura permeia suas vidas.

“O filme mostra um grande amor que se transforma em outras coisas, mas que permanece dentro do casal, e que isso não necessariamente é sinônimo de falta. O amor se transforma ganha outras características e não necessariamente precisa-se estar junto...”. (Lucia, aluna do curso de Pedagogia).

Já o iraniano *Filhos do Paraíso* é um longa-metragem que narra a história de uma família pobre que luta diariamente para ter suas necessidades básicas atendidas.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Com a sessão do filme iraniano *Filhos do Paraíso*, houve transformação nas estratégias de divulgação e organização do evento que se resultou numa presença e participação dos frequentadores mais expressiva. No dia e hora marcados, na porta do auditório, organizadoras do evento recolhiam as assinaturas dos convidados e entregavam a cada um a programação semestral do evento um chocolate Bis, uma maneira de incentivar o retorno destes convidados às próximas exposições.

Com o auditório cheio, a sessão contou com a participação e as demonstrações de emoção de um público extenso. Risos, aplausos, exclamações, momentos de vibração e torcida e sentimentos como pena e incredulidade marcaram as manifestações dos presentes que estavam à vontade para participar das discussões e apresentarem suas observações. Os temas abordados eram múltiplos, e variaram desde a marcante questão cultural presente no filme até questões estéticas referentes ao mesmo.

Segundo o comentário da aluna do curso de Pedagogia da UNIRIO Fátima Maria de Souza, “Dessa visão infantil, das coisas sérias e exageradas do mundo adulto, surge uma bela poesia sobre a amizade, a cumplicidade, a perseverança inabalável e a fé. Mostra uma lição de companheirismo, simplicidade, honestidade e solidariedade”.

A questão poética presente no filme também surgiu na fala de Laura, aluna da UERJ, que destacou a cena em que as crianças assopram bolhas de sabão enquanto trabalham lavando o velho par de tênis. Anry, aluno do segundo período de história, e Flávia, estudante de música, repararam na identidade islâmica, com costumes diferentes e menos capitalizados, apontando semelhanças com a cultura brasileira, principalmente a nordestina.

O aluno Marlon afirmou ser perceptível que apesar de ser outra cultura, outra forma de pensar, é possível encontrar mais semelhanças com nossa cultura



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

do que diferenças. Destacou o diálogo entre as meninas onde uma diz que toda vez que tira nota boa ganha um prêmio, viu nessa situação a questão da meritocracia. Abordou o tema “competição”, da classificação, onde quem vence ganha o melhor prêmio. Evidenciou que na perspectiva do menino houve uma perda, mas, na perspectiva da sociedade ele era vencedor. O aluno tinha outro objetivo (ganhar o par de tênis), diferente do objetivo do treinador e do diretor, que era ver seu aluno ganhar e assim obter destaque. Para ele há um choque entre as visões do menino e dos demais, que valorizam o consumismo, sendo o melhor quem progride na hierarquia.

O tipo de linguagem variava, em certo momento era utilizada a escrita, em muitos outros somente o olhar, e em outros a fala, principalmente nos diálogos criança-criança e adulto-adulto. Para o aluno Luciano os pontos mais interessantes foram os usos da linguagem, a comunicação entre as crianças e entre os pais. Thiago, estudante de biofísica da UFRJ, declarou que em raríssimos momentos a criança tem um diálogo direcionado com um adulto no filme. Frisou a ajuda do menino ao pai e a do técnico ao menino como únicos momentos de liberdade para este se expressar.

A questão da ética esteve presente no debate em diversos momentos, segundo a Prof.^a Tânia Mara, quando a menina devolve a caneta para Zahra, a questão de não utilizar o açúcar da Mesquita e quando Ali vê e arruma tantos sapatos espalhados na porta da mesquita e, mesmo precisando de um par, não toma nenhuma atitude diferente da sua obrigação de arrumá-los.

Isis, aluna de pedagogia da UNIRIO, destaca o descaso dos profissionais da educação para com os alunos, pois diante do problema de atrasos diários, o diretor em momento algum se preocupa com o que poderia estar acontecendo na vida de Ali, o protagonista. A Prof.^a Tânia Mara destaca que ao observar outras culturas, finalmente paramos para pensar na nossa. Complementando esta idéia, Vanessa,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

também aluna do curso de pedagogia, compara a competição de corrida que é apresentada no filme com uma reportagem que viu na TV onde crianças corriam somente para ganhar água e um lanche ao final. E complementa dizendo “Nossos alunos estão correndo por merenda e muitas vezes nós não vemos”.

Entre as duas sessões descritas do Cine CCH, algumas semelhanças e diferenças ficaram evidentes e merecem destaque para pensarmos este percurso inicial de nossa pesquisa. Enquanto no debate de O leitor tivemos a presença de mediador que, mesmo que despretensiosamente, acabou por direcionar os pontos de vista e as questões abordadas pelos participantes, na sessão de Filhos do Paraíso, não foi condicionado nenhum tema específico para discussão, resultando num debate mais livre, aberto, espontâneo e diversificado.

Outro ponto que as diferencia diz respeito ao número de participantes. Houve uma quantidade consideravelmente maior no segundo filme, e infere-se a isto a multiplicidade de opiniões e idéias levantadas, evidenciando a diversidade dos estudantes presentes.

As formas de registro utilizadas nas sessões foram um livro de assinaturas, onde todos os presentes além de assinar, respondem se autorizam ou não a veiculação de suas imagens e ideias para fins de pesquisa, além da filmagem dos debates e da elaboração de um diário de campo de cada edição.

É importante ressaltar que em 2010, quando foi exibido o filme O Leitor, nosso grupo de pesquisa contava com apenas cinco participantes e, em 2011, na exibição de Filhos do Paraíso, este número havia dobrado. Este aumento significativo de componentes da equipe implicou diretamente na organização e do registro das sessões do Cine CCH, evidenciado não apenas no evento como também na qualidade do nosso trabalho metodológico e discussões teóricas.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

CONCLUSÕES

Com intuito de apresentar o projeto Cine CCH e algumas observações iniciais tecidas na extensão e na pesquisa, escrevemos este breve artigo. Como já relatado, estamos iniciando a pesquisa com o cinema e a narrativa dos jovens, entretanto o processo de construção de saberes nas sessões do Cine CCH com a diversidade que permeia o seu público de alunos graduandos, pós-graduandos e professores já se iniciou. E esse início se deu através da perspectiva cineclubista, onde cada sessão surge da vontade do grupo e desses tantos outros de ver, sentir e compartilhar as diversas emoções e sentimentos que cada texto fílmico apresenta.

Assim como os rastros produzidos nos sujeitos através do encontro com o cinema são imprevisíveis, nosso percurso metodológico também não pode ser definido, sendo permanentemente construído e reconstruído ao longo dos debates, reflexões e relações vistos, registrados e analisados. Junto a isto, nosso referencial teórico contribui para a problematização do cinema na formação desses jovens e nos sentidos que são produzidos nesse contato.

REFERÊNCIAS

- DUARTE, R. **Cinema & Educação**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- _____. Estudantes universitários e consumo de filmes: produção e apropriação de significados. In: Reunião Anual da Anped, 25, 2002, Caxambu. **Anais da 25ª Reunião Anual da ANPED**, GT Educação e Comunicação, 2002. V. 1, p. 217-2002.
- FABRIS, Elí Henn. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Revista Educação e Realidade**. Vol. 33, n.1, jan./jun. 2008, p. 117-134.
- FANTIN, Monica. Mídia-educação, cinema e produção audiovisual na escola. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM,6,2006. **Anais do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, 2006.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

FERNANDES, A. H. **O Cinema e a narrativa de crianças e jovens: reflexões iniciais.** Revista Contemporânea de Educação, v. 10, p. 49-64, 2010.

FRESQUET, Adriana Mabel (Org.). **Aprender com experiências do cinema.** Desaprender com imagens da educação. 1. Ed. Rio de Janeiro: BOOKLINK-CIENAD/LISE/UFRJ, 2009. V. 1, 175 p.

LEITE, C. C. O. P. Textos fílmicos e cineclubes: aproximações em resistência cultural. In: Congresso Internacional Cotidiano Diálogos sobre Diálogos, 3, 2010, Niterói. **Anais do III Congresso Internacional Cotidiano Diálogos sobre Diálogos**, 2010.

LOPES, Denise. A marcha sem volta dos cineclubes. **Revista Zé Pereira**. Disponível em: <<http://cineclubes.org.br/tiki/Artigos+de+jornais+e+revistas>>. Acesso em: 10/03/2011.

NOGUEIRA, Bete. A arte em pequenos frascos. **Revista Nós da Escola**, nº 59/ 2008. Disponível em: <http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/portal/_download/revista59.pdf>. Acesso em: 01/03/2011.

CINECLUBES, 80 anos de resistência cultural. **Jornal do Brasil**, 19 jan. 2008. Disponível em: <<http://cineclubes.org.br/tiki/Artigos+de+jornais+e+revistas>>. Acesso em: 14 abr. 2010.